

Econotopia

Para Além do Acidente Financeiro

Herlander Elias*

Índice

1 Utopia, Passado e Presente	2
2 Guerra Informática	6
3 A Bomba Informática	8
4 Capitalismo Soft e Guerra Económica	10
Bibliografia	13
Videografia	17

Resumo

Os computadores não ficaram destruídos no “Ano 2000”. Com a entrada no século XXI o mundo não acabou, mudou. Depois das utopias políticas, eis as utopias económicas, as “econotopias”. Esta também é uma era “pós-11 de Setembro”. Tudo se encontra acelerado, os protagonistas mudaram, embora os conflitos se repitam no formato. Existe “excesso” no consumo e nos media, mas inclusive descapitalização na sociedade. Na era da Rede e da informação, as notícias jornalísticas e a especulação bolsista funcionam como bombas de informação. O dinheiro, circula, na nossa modernidade líquida, no ciber-sistema de

*Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal

capitalismo “light”. Enfrentamos um acidente global, uma distopia financeira onde a informação virtual e o real económico não coincidem.

Palavras chave: econotopia, bomba de informação, crise, acidente financeiro.

Abstract

Computers were not destroyed in the “Big 2K”. As we got into the 21st century the world did not end, it changed. After the political utopias here are the economical utopias, the “econotopias”. This is also a “post-9/11” era. Everything becomes accelerated, the players changed, yet the conflicts are repeating their formats. There is excess in consumption and in the media, but there is decapitalization in society too. In the era of the Web and information, newscasts and stock-market speculation perform as information bombs. Money flows in our liquid modernity, across the light capitalism’s cyber-system. We are facing a global accident, a financial dystopia where the virtual information and the economical reality do not match.

Key-words: econotopia, information bomb, crisis, financial accident.

1 Utopia, Passado e Presente

A Utopia Económica tem lugar em alguns países reais. Parece ser uma contradição à partida, mas mesmo excluindo as potências emergentes temos países que possuem um nível de vida muito bom, proporcionando óptimas condições de vida aos seus habitantes. Neste sentido, estes países são utopias económicas. Sofisticação urbana, estatuto tecnológico e regalias sociais são características das actuais utopias económicas. No entanto, apesar de alguns países economicamente prósperos serem divulgados com fulgor, nem sempre os seus habitantes beneficiam de boas condições em todos os sectores. Sendo assim, as "econotopias", como as prefiro designar, não são completamente perfeitas.

Para a autora Svetlana Boym, as "(...) novas utopias não são nem políticas nem artísticas, mas antes de mais tecnológicas e económicas" (Tradução nossa, 2001, p. 346). Isto é um dado adquirido. Está em causa a equidade de acessos a recursos disponíveis, na medida em que a "econotopia" não é uma utopia social. Nas páginas de ficção científica o lugar perfeito de alguns "futuros" não é um lugar socialista. Aliás, são várias as propostas de "distopia". O que quer que o futuro nos reserve, pode não ser positivo. As corporações multinacionais, os conglomerados económicos e industriais gerem o mundo. O futuro totalmente positivo não é uma proposta comum. Não tem lugar. Por isso se fala em "atopia" (*Idem, Ibidem*, p. 149). É certo que "o século XX começou com uma utopia futurista e terminou com nostalgia" (*Idem, Ibidem*, p. xiv). Para nós, contemporâneos, o passado parece

sempre melhor que "agora". "Antigamente era melhor", dizem os cidadãos comuns.

Para compreender a actual distopia financeira em que o mundo se está tornando, deveremos recuar até ao momento do "Crash" de 1929, nos EUA (Estados Unidos da América). A América ultrapassa a Grande Depressão e atinge um período de prosperidade entre 1947 e 1975 (Reich, 2010). O problema é que o mundo do pós-guerra é um mundo diferente. Quem nos fornece a explicação é Naomi Klein na obra *The Shock Doctrine* (2008). Esta "Doutrina do Choque" existe também em formato de filme documentário (Whitecross & Winterbottom, 2009), onde Klein nos diz que "O que nos mantém orientados é a nossa história; a nossa narrativa. Quando estamos numa crise nós perdemos o sentido de continuidade. Ficamos desorientados, em choque" (Tradução nossa). Em suma, a ideia de um choque desorienta o indivíduo, tornando-o vulnerável a ataques de terceiros. O choque desprotege o indivíduo ao retirá-lo da protecção de uma narrativa "umbrella" maior. A ausência de serenidade torna o sujeito manipulável. Klein relata como a terapia de choques eléctricos visava desnortear pacientes, obrigando-os a recompor-se após o atordoamento. Os choques, aliados à privação de sono, aquando dos interrogatórios efectuados aos alegados terroristas pelos agentes da CIA (Central Intelligence Agency) dos EUA, por exemplo, mais recentemente, criavam controlo sobre os inquiridos. Além das "terapias" de choques eléctricos e das torturas, Klein menciona a então ascendente "Escola de Economia de Chicago". Uma outra terapia de choque estaria em causa, a de um "choque económico". Isto encorajaria o ca-

pitalismo a beneficiar de uma pura reforma. Milton Friedman é o professor de economia que se torna influente no pós-guerra com a teoria de um "caos económico", de acordo com Klein (2008).

Recorde-se que os EUA saíram da Grande Depressão com a intervenção militar na Segunda Guerra Mundial e com o Plano Marshall. Friedman acreditava que o mercado se corrige a si mesmo sem intervenção estatal. Para Klein este é o início da fantasiada política económica radical. Crê a autora que um "choque em larga-escala" instalou a crise como sendo útil. De repente, o "estado de emergência é uma arma disponível. No Chile nacionalizam-se as empresas. Após a desestabilização, surgem greves, conflitos civis, e até mesmo o exército vem para a rua. Começa assim o "shock of war"(N.T.: "choque da guerra"). Segue-se o "economic shock"(N.T.: "choque económico"). O Chile aplica a "economia de Chicago". Pinochet é atraído pela ideia de Friedman de um "tratamento choque", governando durante 17 anos o Chile com uma ditadura militar. Klein descreve esta fase como a de um "capitalismo solto", sem controlo. A Argentina enfrenta um percurso idêntico durante o governo de Isabel Péron. É-nos dito por Klein que, tal como no Chile, as pessoas são aterrorizadas para aceitar as políticas económicas radicais. Nesta época, os anos 70, Nixon, o Presidente dos EUA, apoia ditaduras militares para despoletar o mercado livre de capitais; sendo surpreendentemente reeleito com maioria.

Entretanto, no Reino Unido, Margaret Thatcher ganha as eleições. Um ano depois, Ronald Reagan chega ao poder nos EUA. Thatcher e Reagan são adeptos de Friedman. Thatcher inicia um programa massivo de privatizações. O "choque económico" não fun-

ciona e passa-se ao "choque da guerra". Em 1982, O navio HMS Invincible é destacado para as Falkland (Ilhas Malvinas). Inicia-se um conflito militar entre Argentina e Reino Unido. Thatcher impõe-se como a "Dama de Ferro". Aumenta a celebração patriótica. Em 1983, Thatcher ganha eleições novamente. O "choque terapêutico" funciona e o programa de economia de Chicago é aplicado no Reino Unido. Já em 1986 começa o então assinalado "Big Bang". Os serviços da Banca e das Finanças são desregulados. Thatcher e Reagan propõem Democracia Radical. Na mesma época, Mikahil Gorbachev faz a "Perestroika" na URSS, propondo uma lenta transição para Democracia Escandinava entre Capitalismo e Socialismo. Os regimes Comunistas colapsam e em 1989 dá-se a "Queda do Muro de Berlim". A Escola de Chicago domina tudo.

Porém no início dos Anos 90 ocorre um golpe de Estado na ex-URSS e Gorbachev é demovido do poder. A "linha dura" retoma o controlo do país. Boris Ieltsin ascende. A ex-URSS é dissolvida e uma economia livre de mercado é instalada. Ieltsin declara o estado de emergência e dissolve o parlamento. Também ele ordena o ataque ao parlamento com veículos blindados. Eis o choque da guerra, depois do qual surgem os oligarcas. Moscovo tem mais bilionários que qualquer outra cidade do mundo.

Quando se dão os ataques às torres gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque no evento "11 de Setembro", começa outro "choque da guerra". Há um corte da narrativa colectiva, segundo nos diz Naomi Klein. Tudo o que se sabe já não se aplica. Crescem os "private contractors"(N.T: "empresas privadas"), ora nas forças de intervenção, ora na recons-

trução do Iraque. Klein diz que "Este é o novo 'complexo de capitalismo de desastres' [N.T.: 'disaster capitalism complex', no original]. Uma nova economia erguida sobre o medo"(Tradução nossa, in Whitecross & Winterbottom, *Ibidem*). Quando a invasão do Iraque começa em 2001, George W. Bush autoriza o maior ataque da força aérea norte-americana baseado no conceito de "Shock And Awe"(N.T.: "choque e espanto"). Esta "terapia"de choque deixa o terceiro maior país produtor de petróleo no mundo, física, emocional e psicologicamente exausto com o som das sirenes, os bombardeamentos e o caos. O país cai, perde-se o controlo da rua. Klein explica que no Iraque a terapia de choque falha mas o "capitalismo de desastres"vence. Se a terapia de choque deixa o sujeito quebrado, então o mesmo aplicado a países produz um efeito similar.

Agora imagine-se quando a se aplica o choque no mundo inteiro, ou numa boa parte dele! Desde 2007-08 que a implosão dos mercados financeiros marca o começo da maior crise global de que há memória. Alan Greenspan apelida esta crise de "credit tsunami". Para entender tudo isto é preciso entender que, tal como Lipovetsky & Serroy afirmam, o próprio capitalismo constrói uma cultura (2010, p. 15).

Actualmente parece que nos deveríamos tornar imunes à terapia de choque, mas isso não acontece. Depois de um tipo de choque, eis que aparece sempre um choque diferente. Após a Segunda Guerra Mundial surgem as narrativas de Distopia. A ameaça da tecnologia, em geral e, em especial, do nuclear, colocam em questão o mais promissor dos futuros. De novo o futuro é entendido como sendo sofisticado ou o seu completo oposto. Numa clássica distopia, a ficção de George

Orwell intitulada *Nineteen Eighty Four* [de 1948], expõe-se um mundo em que o controlo, o choque e a guerra são predominantes. Winston, o protagonista, repete vezes sem conta que "Quem controla o passado controla o futuro: quem controla o presente controla o passado"(Tradução nossa, 2007, cap. II, §38). O presente tempo de "distopia financeira", como prefiro apelidar, é o mesmo tempo em que o choque, o controlo e a guerra prevalecem. O poder não abdica de nenhum destes três elementos. Veja-se que o controlo do presente se efectiva mediante a ideia de que o futuro se encontra comprometido caso a produtividade dos países não aumente. A razão original é uma crise global ocorrida, isto é, o passado. Sendo assim, o presente das finanças distópicas, contém em si a promessa de um futuro supostamente melhor. Tem-se a ideia de que os sacrifícios serão recompensados no futuro. É aqui que entra o conceito de "utopia económica", a "econotopia". Existe um contexto para isso. O final do século XX é para os pós-modernistas, como Jean-François Lyotard, o momento em que a grande narrativa cai. Este é o momento em que o futuro já não é pensado como sendo chocante. Afinal, o próprio presente já o é. Alvin Toffler deveria actualizar o "choque do futuro"[1970] para o "choque do presente". E porquê? Porque vivemos uma era de nova hegemonia e controlo, de dois sistemas. Jean Baudrillard esclarece que o hegemon (líder), tal como o *cyber* (piloto), ambos remetem para liderança. Todavia, é novo o facto de "a era da hegemonia ser a era do ciber-sistema"(Tradução nossa, 2010, p. 121). O mesmo será dizer que esta nossa contemporaneidade se pauta por um domínio de controlo. Importa igual-

mente dizer que o controlo do nosso tempo é digital, cibernético.

Com a queda do Muro Berlim, a falência do Comunismo, o fim da grande narrativa, terminam também as ideologias ("fim da ideologia"[Daniel Bell] *apud* Aron, 1983, p. 196). Outros autores identificam este final de século XX e início de século XXI como uma fase de "pós-história"(Fukuyama, 2002; Boym, *op.cit.*: p. 91). Actualmente, até na América se vive uma era de "pós-qualidade". O consumidor se desinteressa por qualidades (Laermer & Simmons, 2008: p. 105). Uma coisa é clara, o mundo em que vivemos é também um mundo "pós-11 de Setembro". E, nesse mundo, as torres do complexo do WTC (World Trade Center) criadas por Minoru Yamazaki, não existem mais. Em 2008, a crise financeira dos EUA estabelece superficialmente uma crise do Capitalismo, mas institui uma distopia financeira. Hoje os países que estão em guerra física e material ficam arruinados e vemos os efeitos disso. No entanto, os países que não estão em guerra física e material ficam arruinados e vemos os efeitos disso também, através do saldo negativo das suas contas públicas. É como se existisse uma guerra sem a logística da guerra convencional, mas em que os efeitos são idênticos. É Orwell quem explica a mudança do conceito de guerra, algo útil para nós:

“War, however, is no longer the desperate, annihilating struggle that it was in the early decades of the twentieth century. It is a warfare of limited aims between combatants who are unable to destroy one another, have no material cause for fighting and are not di-

vided by any genuine ideological difference” (*op.cit.*, cap. III, §2).

Posto isto, se a guerra já não tem a mesma aplicabilidade porque mudou de regras, então o "ciber-sistema"de que fala Baudrillard tem poder sobre tudo. Este é o momento do "pós-mecânico"(Tradução nossa, Thomas LaMarre in Lunning [Ed.], 2009: p. xi). De certo modo, o declínio do mecânico, do moderno e da economia fóssil é assinalado com a emergência do electrónico, do pós-moderno e da nova economia global. O ciber-sistema está no e é o poder. Podemos deduzir que tal sistema aparece no pós-guerra, o momento em que se repensa a economia a uma escala histórica. Depois da crise energética de 1973 no Japão, autores como Sugimoto (1997) proclamam o fim da era industrial (p. 76).

Já no final do século XX, o aparecimento da Internet e dos novos *media*, entre outras inovações, mudam a condição de operabilidade da indústria em geral. Anne Allison nomeia como "pós-fordismo" a condição da indústria de serviços (in Brent Allison: in Lunning [Ed.], *op.cit.*: p. 322) para referir o crescente sector de meios, tecnologias e profissões relacionadas com o "ciber". Neste momento, a hegemonia é da computação e da Internet; do sistema digital.

O filósofo Gilles Deleuze e o psiquiatra Félix Guattari avançam na década de 70 que a nossa "economia da libido"se compõem de "máquinas técnicas e sociais". Fala esta dupla de "máquinas desejanter": “Só as máquinas desejanter é que produzem ligações segundo as quais funcionam improvisando, inventando, formando estas mesmas ligações” (1996, p. 187). O que se considera neste argumento é uma forma

ampla de ver homens, máquinas e sociedade. Hoje assiste-se a uma super-abundância de eventos, algo típico da "pós-modernidade" ou "sobre-modernidade" acusadas por Marc Augé (2007). Tal conjuntura encontra-se marcada pela sua modalidade essencial: o "excesso". Inúmeras propostas de consumo no momento em que o crédito está em crise são como que paradoxos. O "excesso" é um subproduto do pós-guerra. Aceitamos inclusive que as "(...) utopias ingénuas dos anos sessenta deverão ser revistas" (Tradução nossa, Baudrillard, *op.cit.*, p. 46). A utopia da abundância cedeu terreno à distopia financeira.

É facto, como Félix Guattari também repara, que "Todas as civilizações e cada época têm tido os seus fins para a história" (Tradução nossa, in Deleuze, 2004, p. 266). Contudo, este período histórico permite a coexistência da econotopia e da distopia financeira. De um lado temos Dubai, Qatar, Pequim, Emiratos Árabes Unidos e Singapura; enquanto do outro temos os EUA e a Europa. O problema é que falta apurar os culpados, os autores da crise financeira. Nietzsche apelida os fundadores do Estado fundador da Civilização como "os tais artistas de olhos de bronze" [*The Genealogy of Morals*, II, 17] (Tradução nossa, in *Idem, Ibidem*, p. 256). Mais acutilantes, Deleuze & Guattari, tecem a pergunta: quem terão sido estes artistas com olhar de bronze que forjaram esta engrenagem assassina e impiedosa? (Deleuze & Guattari, 1996). Os tempos mudam, as engrenagens continuam a existir, apenas o tipo de conflitos difere.

2 Guerra Informática

Sabemos que o ciber-terrorismo existe. Inclusive é real que o espaço digital, das redes de informação, tem sido palco de inúmeros conflitos. As Redes Sociais e o "smartphones" (N.A.: "telemóveis inteligentes") ampliaram o leque de activismo. Porém, a guerra do futuro é uma guerra feita por sociedades de abundância e onde prevalece o "excesso" a que se refere Augé. Sofremos deste peculiar dilema pós-industrial: "sobrescolha" (Alvin Toffler cit. in Laermer & Simmons, *op.cit.*, p. 181). Existe tanto produto disponível para consumo e a informação corrente é tão variada que a "sociedade de informação" se compadece com a "desinformação". Posto isto, a conjuntura contemporânea ela própria favorece a distopia, mesmo existindo utopias económicas.

No mundo distópico do presente já assistimos à "infowar", a primeira "guerra informática", a "guerra da informação"; por sua vez decorrente no espaço das tecnologias de informação, ou seja, o computador e a Internet. Em 2006, o mundo ficou a conhecer a WikiLeaks.org. Este sítio Web se apresenta como um divulgador de informação. Os agentes dessa divulgação demonstram ousadia. Será isso o suficiente para se ser um "moderno" hoje em dia? Para os modernos a sociedade mostra-se como um "país estrangeiro" (Tradução nossa, Boym, *op.cit.*, p. 24). Assim se sente o público perante os agentes da WikiLeaks. Estes divulgam informação de forma "rápida"¹ que na prática

¹Em Havaiano: "Wiki" significa "rápido". Note-se que o termo WikiLeaks teve inspiração em Wikipedia, a enciclopédia feita por todos online.

são "fugas"². Partindo deste princípio, deduzimos que o sítio Web WikiLeaks.org se tornou um divulgador de segredos, um veloz ponto de fuga, de publicação de informação. Os cidadãos ficaram perplexos com o tipo de informação "des-classificada", isto é, tornada pública, não mais secreta, confidencial. Por isso, de algum modo a sociedade moderna se parece com um país estrangeiro. O mundo que se pensa conhecer afinal é diferente. Somos surpreendidos por regra e não por exceção, pelas notícias.

No filme documentário *WikiRebels – The Documentary* (Lindquist & Huor, 2010) é-nos dito que os serviços secretos dos EUA consideram o WikiLeaks como uma "ameaça à segurança nacional". Birgitta Jónsdóttir (in *Idem, Ibidem*), menciona "The Switzerland effect" (N.T.: "o efeito Suíça"). Este modelo basicamente consiste na aplicação do "modelo do paraíso fiscal" à informação. É sabido que "a informação quer ser livre". Assente neste princípio, a WikiLeaks lança a primeira "guerra informática", como proclama John Perry Barlow da EFF (Electronic Frontier Foundation). Uma vez que alguns países protegem as fontes noticiosas e a liberdade de imprensa, inclusive com destaque na Internet, a WikiLeaks aspira a tornar os países que lhe dão espaço de trabalho num "paraíso para jornalistas".

Aquilo que a WikiLeaks faz sem perder tempo é despoletar um movimento global para "publicar em massa" documentos secretos. 2006 é o ano das "fugas massivas" de informação confidencial na Wikileaks.org. Tudo o que é divulgado tem um efeito efectivo. Inspirados nos novos meios, Julian Assange e os seus associados em todo o mundo

usam os media para provocar um impacto real. Para isso associam-se ao jornal The Guardian e a outras publicações de renome mundial. Juntamente com o Chaos Computer Club, um grupo de "hackers"³ alemães, a WikiLeaks vem defender o livre acesso à informação. Como esta organização beneficia de documentos obtidos por um militar norte-americano a contos com a justiça, o que acontece é uma espécie de revelação de dados omitidos. Neste sentido existe como que um "evento orwelliano" (Tradução nossa, Bauman, 2000, p. 27). O controlo gera a "info-guerra", a guerra informática. Ao ler o texto de Gilles Deleuze & Félix Guattari, *O Anti-Édipo* (1996), ficamos a par de como Capitalismo e Esquizofrenia são irmãos. Numa outra obra, o Dossier *Anti-Édipo*, Furtos e Roussillon escrevem que o esquizofrénico procura o estado terminal de descodificação absoluta, o seu único refúgio, a desterritorialização absoluta, extrema. Ora, na guerra informática iniciada com a WikiLeaks, acontece isto, o sistema capital produz um regime de descodificação extrema, de onde se destaca a Globalização, a Internet e a própria WikiLeaks, na minha interpretação. O problema é que a WikiLeaks embora pareça anti-sistema, ela também é uma associação que persegue a descodificação total, tal como o capital e a esquizofrenia. Noutros termos, estamos discutindo faces diferentes do ciber-sistema denunciado por Baudrillard.

A WikiLeaks concretiza, a meu ver, o que Paul Virilio chama de "declaração de guerra informática" (Tradução nossa, 1999, p. 123). A "infowar" (*Idem, Ibidem*, p. 124) começa no momento em que as tecnologias de infor-

²N.A.: em inglês: "Leaks".

³N.T.: "piratas informáticos".

mação se tornam descontroladamente campo de guerra. Dominique Wolton refere o "Imperialismo Americano" (Tradução nossa, Aron, *op.cit.*, p. 9). Este é um dos alvos dos ataques, mas muitos outros países foram alvo de exposição de dados perigosos, ou no mínimo embaraçosos. Algumas das informações publicadas tiveram um efeito de bomba.

3 A Bomba Informática

McLuhan sustenta que "cada tecnologia nova necessita de uma nova guerra" (Tradução nossa, 1989, p. 98). De certa forma, os "WikiRebels" da WikiLeaks acabam por implementar uma nova guerra com as tecnologias de informação. Usando a desocultação de documentos como arma, os "piratas informáticos" da WikiLeaks julgaram contribuir para um mundo melhor. Assim diziam eles, ainda que divulgar a localização de pontos geo-estratégicos para a defesa dos EUA, vulnerabilizando a segurança deste país e dos seus recursos pode, claro está, facilitar o planeamento de ataques terroristas. Aqui a WikiLeaks falha. Não se trata tão-somente de guerra informática. Mesmo que colaboradores seus como Mikael Viborg (PRQ, Estocolmo, Suécia) acreditem que "Esperemos que esta informação possa de certo modo parar algumas armas convencionais" (Tradução nossa, in Linquist & Huor, *op.cit.*). A verdade é que os documentos revelados são "(...) uma bomba de informação-relógio, em vez de armamento convencional" (in *Idem, Ibidem*). Noutras palavras, a informação revelada tem impacto massivo, o que não é de menosprezar.

Num outro texto, que não o livro *La*

Bombe Informatique (1999), designadamente em *Cibermundo – A Política do Pior* (2000), Paul Virilio, o arquitecto que profetiza a "velocidade" como a sua assinatura conceptual, já havia equiparado o "cibermundo" a uma tecnocracia do pior, uma espécie de distopia tecnológica. "Opera-se, pois, (...) uma militarização da informação, uma militarização dos conhecimentos" afirma Virilio (2000, p. 37). Note-se que a verdadeira "bomba informática" começa com a bomba de informação despoletada pela WikiLeaks. Novamente podemos recorrer a Deleuze & Guattari para melhor compreender o que se passa. Os autores falam numa "fluxão dos fluxos" (1996). De facto, a bomba de informação só afecta alguém se existirem mais ligações que agentes de comunicação. Outro factor a ter em conta é que "tradicionalmente o conceito de *médium* não funciona relativamente à cultura pós-digital, pós-net" (Tradução nossa, Manovich, 2001, p. 4). Podemos assim deduzir que a Internet não é um meio tradicional. É um espaço para fluir informação, um símbolo capitalista da tal fluxão de fluxos e os seus atributos favorecem como efeito a bomba de informação, porque muita gente se encontra ligada; um meio da Guerra Fria pensado para ser evasivo ao conflito local, pode funcionar como uma arma global. O paradoxo é estranho.

Se recordarmos Orwell aprendemos uma outra coisa, que "(...) o propósito de declarar guerra resume-se a estar sempre em melhor posição de declarar outra guerra" (Tradução nossa, *Ibidem*, cap. III, §4). Portanto é como se cada tecnologia e guerra pré-produzissem as condições da guerra seguinte. A única diferença é que no presente tempo "Não há mais periferia" (Tradução nossa, Deleuze, 2004, p. 260). A Rede é global. Não há

hipótese de fugir. Virilio diz-nos mesmo que "Após a primeira bomba, a 'bomba atómica' (...) a 'bomba informática' [é] capaz de desintegrar a paz das nações através da interactividade da informação"(Tradução nossa, 1999, p. 74). Aqui Virilio tem razão, a bomba de informação pode desestabilizar a paz das nações. A bidirecionalidade da Rede do nosso tempo vem facilitar a interacção dos utilizadores. Actualmente, o impacto da bomba informática pode ser muito maior do que quando se começou a ouvir falar no sítio Web WikiLeaks.org. Para Baudrillard, nós, ocidentais, somos a única cultura a ter inventado a perspectiva da performance total (Tradução nossa, *op.cit.*, p. 83). Somos um produto da nossa época, é certo. Vive-se fascinado com o desempenho, a representação, a celebridade, os efeitos e a simulação. Deleuze acredita que definimos a modernidade pela potência do simulacro (1974, p. 270). Quanto mais moderno, mais efectivo o poderio do simulacro. Modernidade e simulação têm de facto estado em sintonia.

Com Castells ficamos a saber que "Apesar de toda a ideologia da ficção científica e da publicidade comercial em torno do surgimento da chamada 'auto-estrada da informação', não podemos subestimar a sua importância" (1999, p. 432). A grande questão é que a Rede não é mais ficção científica, para o bem e para o mal. Virilio antevê algo maior: "Se a cibernética do mercado financeiro estivesse efectivamente globalizada, a quebra do Outono de 1997 teria sido instantânea e a catástrofe económica total"(Tradução nossa, 1999, p. 121). O problema é que a presente crise financeira já foi produzida pelo mercado financeiro em rede global. O autor norte-americano Kevin Kelly

tem uma nova designação para toda a crescente tecnologização que nos envolve. Ele admite:

"(...) cunhei relutantemente uma palavra para designar o maior sistema de tecnologia, global, massivamente interligado, vibrando à nossa volta. Apelido-o de 'techium'. O 'techium' estende-se para além de hardware reluzente (...)" (Tradução nossa, 2010, p. 11).

O que Baudrillard apelida de "ciber-sistema", Kelly intitula de "techium", a seu ver uma abrangente esfera de tecnologia. Para nós, sobreviventes da crise financeira de 2007-08, começa a parecer mais plausível que

"(...) a bomba de informação provoca a escalada para o acidente integral e globalmente constituído. O acidente globalmente constituído pode ser comparado ao que as pessoas no mercado bolsista chamam 'risco sistémico'"(Tradução nossa, Virilio in Armitage, 2000, §6).

Surpreendentemente, o "acidente global", o tal "acidente financeiro" alcança todas as zonas tecnológicas interligadas em Rede pelo ciber-sistema. O mundo é cada vez mais técnico e funciona crescentemente em risco:

"Hoje, as novas tecnologias veiculam um certo tipo de acidente, e um acidente que já não é local e precisamente situado, como

o naufrágio do Titanic ou o descarilamento de um comboio, mas um 'acidente geral', um acidente que interessa imediatamente à totalidade do mundo"(Virilio, 2000, p. 13).

O poder agora está nas mãos de quem hegemonicamente controla a Rede, na era das simulações e da conexão total dos mercados bolsistas. Deveremos reexaminar o "risco sistémico" que tudo invade e contagia, de modo trans-nacional, superior ao que a bomba de informação da WikiLeaks representou. "Os alienados, os oprimidos e os colonizados são agora 'anexados'. Eles são os "prisioneiros do nexo"(Tradução nossa, Baudrillard, *op.cit.*, p. 37). O conflito, a tecnologia digital, a tecnicização global de tudo fazem parte dessa época distópica, onde o capitalismo subtil acrescenta a última faceta: a da guerra económica. Assim se oficializa essa distopia financeira.

4 Capitalismo Soft e Guerra Económica

A primeira coisa a entrar no ciberespaço a seguir à "informação" foi o "dinheiro". Se a primeira passa a ser "data", o segundo é já "e-money", como nos diz William Gibson (in Wooley, 1997; Neale, 2000, Section 1.5: Television). Três bons exemplos são as ATMs⁴, o mercado bolsista online e as compras na Internet. O capitalismo encontrou nas redes de informação uma continuação de si mesmo depois das redes de balcões. Neste momento, depois da crise

⁴N.T.: "Automatic Transaction Machines", Máquinas de MultiBanco, em Portugal.

financeira de 2007-08, o que parece estar fora de controlo nem é a "informação", mas, ao invés, o "capital". Na perspectiva marxista, o capital inerte deteriora-se. Uma vez colocado em circulação, o fluxo de capital gera mais capital. "O dinheiro não é nada, a circulação é tudo"(Tradução nossa, Virilio, 2000, p. 112). Levando ao extremo esta equação, o capital gera somente uma simulação. Na impossibilidade de acompanhar o virtual, o real perde-se pelo caminho. É um virtual que predomina, referente a mais virtual. Parece uma lei imutável, a de que "tudo volta à terra", como sublinham Deleuze & Guattari. Ou provavelmente tudo o que entra na Rede fica na Rede. Se pensarmos que os mercados talvez possam ter sido usados como "economic warfare"⁵ num combate pela supremacia das moedas, então vislumbra-se uma das explicações possíveis para a distopia financeira do nosso tempo. Enquanto o Oriente progride, o Ocidente estagna ou regride. Ainda antes do ano 2000 já Virilio crê que pode ser impossível distinguir a guerra económica da da informática (1999, p. 158). Se a guerra informática surge com WikiLeaks, a guerra económica surge com a crise financeira de 2007-08. O problema é que a guerra informática e a económica parecem pertencer ao mesmo carcinoma da distopia financeira do presente.

Considerar a crise como um evento mais que "orwelliano", nomeadamente bélico, parece excessivo. No entanto, o que Orwell nos conta em *Nineteen Eighty Four* faz sentido. Diz o autor que

“O acto essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de

⁵N.T.: “guerra económica”.

vidas humanas, mas de produtos do labor humano. A guerra é uma forma de estilhaçar em bocados, (...) materiais que podem de outro modo ser usados para tornar as massas muito confortáveis, e assim, mais tarde, demasiado inteligentes” (Tradução nossa, *op.cit.*, cap.III, §8).

O mesmo será dizer que a guerra conserva a potência tecnológica dos estados liderantes. Enquanto os atacados têm que investir na recuperação, as potências continuam dominando, porque outros países estagnam ou recuam. Num conflito clássico a guerra é física e produz efeitos de devastação, mas como a nossa era é definida pela potência do simulacro, a guerra virtual pode ter consequências reais; facilitadas pelas muitas auto-estradas da informação. Assim, me permito a inferir que a distopia financeira é uma criação da máquina de guerra através de instrumentos económicos e cibernéticos. O lançamento da próxima "Ciberbomba", de acordo com Virilio, encontra-se desde logo prefigurado na própria interconexão da Internet (1999, p. 148). Mas o autor vai mais longe ao mencionar uma eventual "utilização militar dos conhecimentos do mercado" (Tradução nossa, *Ibidem*, p. 147). Suspeitaremos com certeza do modo como a crise financeira irrompe, contagia e custa a dissipar nos mercados bolsistas. De repente o mundo fica a conhecer as Autoridades Estatísticas, as agências de "rating"⁶ e os efeitos nefastos dos mercados a operar em tempo-real.

A nossa sociedade tem-se tornado uma "sociedade de economia" (Aron, *Ibidem*, p.

⁶N.T.: "Classificação, notificação, notação".

204). O glossário de economia torna-se um quarto idioma técnico, seguido do inglês e da cultura digital. É preciso compreender o presente para planear o futuro. Além disso, as notícias de economia são difíceis em si de descodificar pelo espectador comum. Aron aceita que vivemos hoje numa sociedade de economia, que é na verdade uma sociedade internacional de comércio livre (*ult.op.cit.*). Para Aron, dizer que os principais agentes dos mercados, as corporações multinacionais, são instrumentos de "guerra económica" é insistir numa análise muito superficial (*Idem, Ibidem*). Agora, não deixa de ser interessante reparar que se chega a pensar nas multinacionais desta forma, mesmo que hipoteticamente. O que se nos apresenta de forma óbvia é que Paul Virilio anteviu a distopia financeira, a catástrofe global dos mercados. A bomba informática prova ser o novo sistema de armas absoluto (1999, p. 146), pois as multinacionais transformaram-se num género de monstro (Aron, *op.cit.*). Vejamos o que nos diz a escola francesa, nomeadamente Furtos & Roussillon, em *Dossier Anti-Édipo* (AAVV) anteriormente a esta crise actual:

“– Essas máquinas desejanter, é assim que lhes chamam, caracterizam-se pela indistinção entre o objecto produzido e a produção. 'As peças dessas máquinas são também o combustível das máquinas'. A lei de funcionamento das máquinas desejanter é o pois o desarranjo ('détraquement')” (s.d., p. 31).

Ora, é precisamente esse "desarranjo" que afecta as "máquinas sociais e técnicas", por-

tanto sociedade e tecnologia, pessoas e sistemas. É conceber as "máquinas desejanças", os mecanismos de desejo de cada sujeito e a tecnologização envolvente como algo que não exclui o "acidente", mas que o considera, implica. Desta forma, a sociedade económica nunca se divorciou da hipótese de um eventual "acidente financeiro", um acidente integral por excelência, como o do "crash"(rutura) actual (Virilio, 2008, p. 1, §1).

Pensar que a situação actual decorre de uma instrumentalização bélica dos mercados financeiros não é inteiramente descabido. Aprendemos com Orwell que "ao tornar-se contínua, a guerra alterou fundamentalmente o seu carácter" (tradução nossa, *Ibidem*, cap.III, §13). As guerras visavam definição de territórios, colonização, derrotar adversários e atingir uma supremacia com melhores recursos. Em todo o caso as guerras eram pontuais e não rotineiras. A guerra está para a ruptura como a rotina para a paz. Então se a guerra se torna contínua, a sua concepção mudou. É a isto que Orwell se refere.

Tornou-se um lugar-comum ver imagens de corretores diante de ecrãs onde os dados parecem abstractos, codificações. Índices, padrões de mercado, projecções de valor e gráficos de barras pertencem ao nosso quotidiano noticioso. Uma elite economicista prime botões e decifra informação dos mercados. A figura do momento é a do "trader", comerciante, corretor. Ele é quem compra e vende, mas todo o mundo se encontra exposto ao jogo dos mercados. Hipotecas, activos de risco, avaliação de risco, desafios e perdas são palavras novas no nosso vocabulário corrente. A crise deu-se quando as perdas superaram a capitalização.

Ninguém está a vencer o ciber-sistema a que se referia Baudrillard. A troca de créditos, os falsos seguros e fundos de investimento pouco claros aniquilaram os accionistas e liquidaram literal e financeiramente corporações. Se o mercado for eliminado como se pode sobreviver? É neste sentido que se fala em "Decapitalismo"(no filme *Margin Call – O Dia Antes do Fim* [J.C. Chandor, 2011]). O capitalismo termina ou decapita pessoas singulares e colectivas? A personagem Gordon Gekko, interpretado pelo actor Michael Douglas no filme *Wall Street* (Oliver Stone, 1987) realiza precisamente este tipo de acções: liquida activos em capital. O seu "golpe de força"consiste em gerar mais capital. Tendo em conta este tipo de figuras é fácil entender como o "golpe de força' do capital é tornar tudo dependente da ordem económica"(Tradução nossa, Baudrillard, *Ibidem*, p. 86). É este o retrato da segunda década do século XXI.

Tudo depende dos fluxos de capital. A novidade segundo Kelly é que as empresas surgidas na economia das tecnologias de informação [N.A.: no anos 90 vista como a então "nova economia"] vingavam à escala global mas possuíam uma micro-escala. Pelo contrário, os agentes da antiga economia, de larga-escala, não continuariam a ser substancialmente os vencedores do novo momento. E eis que neste período é a elite do "capitalismo soft" que, segundo Nigel Thrift, domina o global e o capital "exterritorial" (Bauman, *op.cit.*, p. 154). Como nos contam os protagonistas de *Margin Call – O Dia Antes do Fim* (*op.cit.*), "trata-se um jogo de vencedores e falhados. Os vencedores hoje são mais, mas os perdedores continuam a ser exactamente os mesmos". O filme ficciona o momento em que

um corretor (personagem interpretada pelo actor Zachary Quinto) numa agência financeira detecta uma eventual descapitalização nos mercados. O que parece ter ocorrido não é mais que uma "transferência massiva"(Tradução nossa, Baudrillard, *Ibidem*, p. 81). O dinheiro foi transferido para algures, ou, tal como na descrição que Orwell faz da guerra, é o labor que é destruído aqui; não pela demolição de infraestruturas, mas pela impotência do labor em colmatar a descapitalização viral do "acidente financeiro". O trabalho não corresponde à riqueza produzida, dado que há um desfalque na liquidez. Bauman engloba esta fase na "modernidade fluida ou capitalismo 'light'" (Tradução nossa, *Ibidem*, p. 134). Mesmo Castells afirma não muito antes que Bauman que a "(...) rede não implica o fim do capitalismo. A sociedade em rede (...) é, por enquanto, uma sociedade capitalista" (*op.cit.*, p. 608).

Em conclusão, a distopia financeira não é um cenário de ficção científica [N.A.: algo maior pode ter começado]. Tecnologias digitais, redes e cibernética aceleram o capitalismo que Baudrillard apelida de "turbo"(*op.cit.*, p. 61). Rapidamente a virose da descapitalização alastra pelos mercados. Ao contrário de algumas econotopias, a distopia financeira faz países reféns como o faz às pessoas singulares. Depois da "verdade inconveniente" que Al Gore ajudou a mediatizar, o pensamento económico, que sempre se dedicou aos recursos naturais como algo infinito (*Idem, Ibidem*, p. 83), mudou. Infelizmente, "o mundo desenvolvido tem vivido em permanente inflação durante anos e teme não apenas guerras descontroladas (...) mas também desastres monetários, bancários e económi-

cos"(Tradução nossa, Aron, *Ibidem*, p. 269). Desde o momento em que estas afirmações se fazem até 2012 muita coisa aconteceu. Rifkin é um defensor de que no mundo pós-11 de Setembro, o verdadeiro motor da nova economia é o capital intelectual. O que vale são conceitos, ideias e imagens, não as coisas (2001, p. 17). Quase uma década depois, as redes do virtual e do câmbio total dispensam dominadores e dominados (Baudrillard, *ult.op.cit.*, p. 33). Só existem cúmplices, singulares ou colectivos, cada vez mais descapitalizados e sem tempo. Resta saber o que está para além do acidente financeiro...

Bibliografia

1. Livros

- AAVV. *Dossier anti-édipo - capitalismo e esquizofrenia*, Cadernos Peninsulares, Nova série. S.L., Portugal: Ensaio 20, s.d..
- ANDERSON, Chris. *Free: the future of a radical price*. Nova Iorque: Hyperion, 2009.
- _____. *The long tail: how endless choice is creating unlimited demand*. Nova Iorque: Business Books, 2007.
- ARON, Raymond. *The committed observer [le spectateur engagé]*. Trad. James & Marie McIntosh. Chicago: Regnery Gateway, 1983.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade* [1992], Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa, Portugal: 90 Graus Editora, 2007.

- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo* [1970]. Lisboa, Portugal: Edições 70, s.d..
- _____. *The agony of power* [2007], Trad. Ames Hodges. Intervention series, n 6. Los Angeles: Semiotext(e), 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BOYM, Svetlana. *The future of nostalgia*. Nova Iorque: Basic Books, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo, Brasil: Editora Paz e Terra, 1999.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*, Trad. Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa, Portugal: Edições mobilis in mobile, 1991.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido* [1969]. São Paulo, Brasil: Perspectiva, 1974.
- _____. *On desert islands and other texts* [1953-1974]. Los Angeles / Nova Iorque: Semiotext(e), 2004.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *A thousand plateaus – capitalism and schizophrenia* [1987]. Londres: The Athlone Press, s.d..
- _____. *O anti-édipo – capitalismo e esquizofrenia* [1972], Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 1996.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios* [1985]. Lisboa: Difel, 1989.
- ELIAS, Herlander. *O videogame e o entretenimento global – first person shooter*. Lisboa, Portugal: MediaXXI – Formal Press, 2008.
- _____. *A sociedade otimizada pelos media*. Lisboa, Portugal: MediaXXI – Formal Press, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Utopias and heterotopias. In: LEACH, Neil (Ed.). *Rethinking architecture* [1997], p.350-356. Londres: Routledge, 1997.
- FUKUYAMA, Francis. *The end of history and the last man* [1992]. Nova Iorque: Perennial/Harper Colins, 2002.
- GIBSON, William. *Neuromancer* [1984]. Londres: Voyager/Harper Collins, 1995.
- _____. *Neuromante*. Lisboa: Gradiva, 1988.
- HIBELINGS, Hans. *Supermodernismo – arquitectura en la era de la globalización*. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili SA, 1998.
- HOLTZMAN, Steven. *Digital mosaics – the aesthetics of cyberspace*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1997.
- _____. *New rules for the new economy*. Nova Iorque: Viking, 1998.
- KELLY, Kevin . *What technology wants*. Nova Iorque: Viking, 2010.
- KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque*. Lisboa: Smartbook, 2009.
- _____. *The shock doctrine: the rise of disaster capitalism*. Nova Iorque: Picador, 2008.

- _____. *No logo – o poder das marcas* [1999-2000]. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 2002.
- LAERMER, Richard & SIMMONS, Mark. *Punk marketing: junta-te à revolução* [2007]. Alfragide, Portugal: Lua de Papel – Leya, 2008.
- LASN, Kalle. *Culture jamming: how to reverse america's suicidal consumer binge – and why we must* [1999]. Nova Iorque: Quill (Harper/Collins), 2000.
- LEARY, Timothy. *Chaos & cyberculture*. Berkeley, Califórnia, EUA: Ronin, 1994.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efémero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas* [1987]. Lisboa, Portugal: D.Quixote, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada* [2008]. Lisboa: Edições 70, 2010.
- LUNNING, Frenchy, (Ed.). *War / time. mechademia series*, Vol.3. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- LYOTARD, Jean-François. *La condition post-moderne*. Paris: Les Éditions Des Minuit, 1979.
- McLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man* [1964]. Massachusetts: MIT Press, 1994.
- McLUHAN, Marshall & FIORE, Quentin. *War and peace in the global village* [1968]. Londres: Touchstone – Simon & Schuster, 1989.
- ORWELL, George. *Mil nove centos e oitenta e quatro – 1984* [1948]. Lisboa: Antígona, 1991.
- PENLEY, Constance & ROSS, Andrew. *Technoculture*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.
- REICH, Robert B. *Aftershock – a economia que se segue e o futuro da américa*. Lisboa: Dom Quixote, 2010.
- RHEINGOLD, Howard. *Smart mobs: the next social revolution*. Cambridge: Basic Books – Perseus Publishing, 2002.
- RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso – a revolução da nova economia* [2000], Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- SUGIMOTO, Yoishio. *An introduction to japanese society*. Cambridge University Press, Nova Iorque, 1997.
- TOFFLER, Alvin. *Os novos poderes* [1990]. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, 1991.
- _____. *A terceira vaga* [1980]. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, 1984.
- _____. *O choque do futuro* [1970]. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, s.d..
- TOFFLER, Alvin & TOFFLER, Heidi. *A revolução da riqueza*. Lisboa: Actual Editora, 2011.
- _____. *Revolutionary wealth: how it will be created and how it will change our*

- lives*. Nova Iorque: Crown Business, 2007.
- TURKLE, Sherry. *Alone together – why expect more from technology and less from each other*. Nova Iorque: Basic Books, 2011.
- VIRILIO, Paul. *Cibermundo: a política do pior*, Trad. Francisco Marques. Lisboa: Teorema, 2000.
- _____. *City of panic* [2004]. Trad. Julie Rose. Oxford, Nova Iorque: BERG Publishers, 2005.
- _____. *La bombe informatique*. Paris: Galilée, 1999.
- _____. *The aesthetics of disappearance* [1980]. EUA: Semiotext(e), 1991.
- _____. *The university of disaster* [2007], Trad. Julie Rose. Cambridge/Malden: Polity Press, 2009.
- WOOLEY, Benjamin. *Mundos virtuais: uma viagem na hipo e hiper-realidade*. Lisboa, Portugal: Caminho, 1997.
- 2. Documentos Online**
- ARMTAGE, John. Interview with paul virilio: the kosovo war took place in orbital space, Trad. Patrice Riemens. In KROKER, Arthur & KROKER, Marelouise (Eds.). *CTheory*, Article n 89, Vol. 23, n3, 2000. www.ctheory.net/articles.aspx?id=132 (Acedido em 2011)
- DELEUZE, Gilles . Posdata sobre las sociedades de control. In FERRER, Christian (Comp.) (1991). *El Lenguaje Literario*, Tº 2, I Historia. Montevideo: Ed. Nordan, 1991. www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=94 (Acedido em 2011)
- _____. Post-scriptum sur les sociétés de contrôle, s.d.. http://aejcpp.free.fr/articles/controle_deleuze.htm (Acedido em 2011)
- ELIAS, Herlander. *Cyberpunk 2.0: fiction and contemporary*. Covilhã, Portugal: LabCom, UBI, 2009. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/elias-cyberpunk2-06-2009.pdf> (Acedido em 2011)
- _____. First person shooter: the subjective cyberspace. Covilhã, Portugal: LabCom, UBI, 2009. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/elias-first-maio-2009.pdf> (Acedido em 2011)
- _____. Neón digital – um discurso sobre os ciberespaços. Covilhã, Portugal: LabCom, UBI, 2007. <http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/elias-herlander-neon-digital.pdf> (Acedido em 2011)
- _____. Brand new world: o novo mundo da anti-publicidade. Covilhã, Portugal: BOCC, UBI, 2006. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/elias-herlander-brand-new-world.pdf> (Acedido em 2011)
- GIBSON, William. *Neuromancer*, 1988b. <http://www.voidspace.org.uk/>

cyberpunk/neuromancer.shtml
(Acedido em 2011)

KLEIN, Naomi. No logo, 2002.
<http://www.nologo.org> (Acedido em 2011) <http://www.sozialistische-klassiker.org/Klein/klein01.pdf> (Acedido em 2011)

MANOVICH, Lev. Post-media aesthetics, 2001. <http://www.manovich.net> (Acedido em 2011)

MEYSSAN, Thierry . 1997-2010: L'écologie financière. In *Le Prétexte Climatique Climatique* 3/3, 26 de Abril de 2010. <http://www.voltairenet.org/article164792.html> (Acedido em 2011)

MIRANDA, José A. Bragança de. O Controlo do virtual, 1997. <http://ubista.ubi.pt/~comum/miranda-controlo.html> (Acedido em 2011)

ORWELL, George. Nineteen eighty four [Orig. 1948], 2007. <http://www.online-literature.com/orwell/1984/> (Acedido em 2011)

VIRILIO, Paul. Le krach actuel représente l'accident intégral par excellence. In *Le Monde.Fr*, 18 de Junho de 2008, 14h04. http://www.lemonde.fr/idees/article/2008/10/18/le-krach-actuel-represente-l-accident-integral-par-excellence_1108473_3232.html (Acedido em 2011)

VIRILIO, Paul & LOTRINGER, Sylvère. After Architecture: A Conversation [2006], Trad. Michael Taormina, 2001. <http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/152638101300138530> (Acedido em 2011)

Videografia

1. Filmes

Devil's Advocate, The – O Advogado do Diabo (Taylor HACKFORD, 1997)

In Time – Sem Tempo (Andrew NICCOL, 2011)

Margin Call – O Dia Antes do Fim (J.C. CHANDOR, 2011)

Net, The – A Rede (Irwin WINKLER, 1994)

Stalker (Andrei TARKOVSKI, 1978)

Wall Street (Oliver STONE, 1987)

Wall Street – Money Never Sleeps – O Dinheiro Nunca Dorme (Oliver STONE, 2010)

2. Documentários

Inside Job – A Verdade da Crise (Charles FERGUSON, 2010)

Kevin Kelly on How Technology Evolves (Ted Talks, Novembro, 2006)

McLuhan – Gzowski interviews McLuhan (CBC TV, 90 Minutes Live Program, 13 de Dezembro, 1977)

_____ – McLuhan Predicts 'World Connectivity' (CBC TV – Take 30 Program, 1 de Abril de 1965)

McLuhan's Wake (Kevin McMAHON, 2002)

No Maps For These Territories [2000]
– William GIBSON (Mark NEALE, 2000)

Philip K. Dick - A Day in The Afterlife – BBC (Nichola ROBERTS, 1994)

Shock Doctrine, The – A Doutrina do Choque (Mat WHITECROSS & Michael WINTERBOTTOM, 2009)

WikiRebels – The Documentary (Bosse LINDQUIST & Jesper HUOR, 2010)